

Agora, só spread preocupa Pastore

São Paulo — O presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, declarou ontem que após as conversações mantidas com os ministros do Planejamento, Delfim Netto e da Fazenda, Ernane Galvêas, acredita na possibilidade da fase de renegociação da dívida externa brasileira vir a ser concluída ainda ao longo desta semana. Pastore, que viajou ontem à noite para Nova Iorque, explicou que as reuniões formais com os aproximadamente 700 bancos credores do País, deverão ser retomadas hoje.

Pastore evitou referências ao encontro do ministro Ernane Galvêas com o presidente eleito Tancredo Neves, mas isso não impediu que circulassem rumores de que, ao viajar, o presidente do Banco Central levasse consigo uma autorização do futuro governo para que prosseja as negociações nos padrões atuais. De acordo com esses rumores, que circulavam inclusive na assessoria de Pastore, Tancredo estaria convencido de que pode contornar o problema sem recorrer à capitalização dos juros.

Segundo o presidente do Banco Central, o principal ponto pendente desta nova rodada de negociações continua sendo a questão do **spread** (taxa de risco) a ser pago aos bancos internacionais. "Nós vamos voltar lá agora exatamente para discutir isso" enfatizou, salientando que nos contatos realizados com os ministros da área econômica, foram detalhadamente avaliadas a evolução da negociação, a proposta brasilei-

ra em pauta e os resultados até agora obtidos.

Para o presidente do Banco Central, o fundamental no acordo que está em andamento é a mudança no perfil de vencimentos da dívida externa brasileira". A dívida do País é de cem bilhões de dólares e se tiver que ser quitada nos próximos 3 ou 4 anos, mostrar-se-á muito grande. Mas se apresentar um perfil de vencimentos espalhado, no qual as amortizações venham a se estender mais ou menos uniformes até o ano dois mil, haverá uma mudança substancial em seu caráter," assimilou.

De acordo com Pastore, com isso, efetivamente, o País terá condições de atender aos vencimentos anuais empregando parcelas do superávit comercial. Em sua opinião acordo bom para o Brasil será aquele que tornar o perfil da dívida mais compatível com sua capacidade de geração de recursos cambiais pelo balanço de pagamentos. Ele comparou a situa-

ção do País à de um mutuário do Banco Nacional de Habitação, que tenha uma dívida de 10 milhões de cruzeiros. Embora seu salário seja compatível com esse tipo de dívida, se tiver que quitá-la em um ou dois meses terá grandes dificuldades.

Pastore acrescentou que a proposta brasileira é a de pagamento de vencimentos relativamente pequenos no período de 85 a 91 e que, uma vez estabilizada, a dívida restante poderá ser quitada com vencimentos maiores de 1992 até o ano 2 mil. Após a conclusão do acordo esclareceu também, as autoridades brasileiras terão que firmar contratos com cada um dos bancos credores, o que normalmente demandará tempo. Ele não descartou a possibilidade desse período se estender por até três meses e meio, admitindo a hipótese de que a assinatura desses contratos venha a se efetivar somente na nova gestão, "embora os termos da negociação sejam decididos pela atual".